



Aprendendo com os agricultores da Rede Sabor e Saúde da Serra (MG): o caminho e as pedras da transição agroecológica

Learning with the family farmers of Rede Sabor e Saúde da Serra (MG): the way and the stones of agroecological transition

VALVASORI, Guilherme¹; CALIXTO, Juliana²

¹ Unicamp, guilherme.valvasori@gmail.com; ² IF Sudeste de Minas Gerais, juliana.calixto@ifsudestemg.edu.br

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Construção do Conhecimento Agroecológico

Resumo: Este trabalho é baseado na experiência da “Rede Sabor e Saúde da Serra”, coletivo que reúne produtores agroecológicos e em transição agroecológica da região de Muriaé (MG). O autor atuou como bolsista extensionista durante sete meses, fornecendo assistência técnica para 14 famílias. Inicialmente, foi proposta uma abordagem de trabalho baseada na substituição de insumos. Contudo, esta proposta foi imediatamente recusada pelos agricultores. Nosso trabalho busca compreender as causas dessa resistência. Primeiramente, apontamos as lacunas técnicas entre as práticas da revolução verde e as práticas agroecológicas, consequência da falta de investimentos em pesquisa e décadas de ostracismo. Em segundo lugar, registramos a diferença entre a abordagem de trabalho empírica e intuitiva dos produtores mais avançados na transição agroecológica e o pensamento técnico e produtivista dos demais produtores. Nossa experiência em campo aponta que a superação dos desafios encontrados exigirá muito mais do que assistência técnica agroecológica. É preciso a implementação de um projeto político e social agroecológico. Afinal, não são apenas os agricultores familiares que precisam avançar na transição agroecológica, e sim toda uma sociedade e uma cultura.

Palavras-chave: agroecologia; ater agroecológica; transição; desafios; extensão.

Contexto

Este trabalho é fruto de uma experiência de extensão técnica junto a Rede Sabor e Saúde da Serra, grupo que reúne agricultores agroecológicos e em transição agroecológica da região de Muriaé (MG), intermediada pelo Núcleo de estudos em Agroecologia Puri, do Instituto Federal Sudeste de Minas Gerais. O trabalho foi desenvolvido entre agosto de 2022 e fevereiro de 2023, como parte de um projeto de promoção do Pólo de Produção Agroecológica da Zona da Mata Mineira. O objetivo deste trabalho é elencar e discutir alguns desafios encontrados para o avanço na transição agroecológica, assim como para a extensão agroecológica junto aos agricultores familiares.

Descrição da Experiência

O autor participou como bolsista extensionista do projeto “ATER Agroecológica para agricultores da Rede Sabor e Saúde da Serra: superando os desafios da produção”, desenvolvido pelo IF Sudeste de Minas Gerais – campus Muriaé (MG), sob a orientação da primeira autora. O trabalho teve duração de sete meses, se



estendendo de agosto de 2022 a fevereiro de 2023. Antes disso, o autor já participava do grupo como produtor de morangos, desde 2018. Ao longo do projeto, foram visitadas 14 propriedades rurais, em cinco municípios da região de Muriaé (MG), localizados na zona da mata mineira – Muriaé, Miradouro, Barão do Monte Alto, Laranjal e Eugenópolis. Cada produtor recebeu em média duas visitas técnicas, ocasião em que foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os responsáveis pelas propriedades. Cada visita teve uma duração estimada de meio período, e foram realizadas no máximo duas visitas em um mesmo dia. O autor optou por não gravar as entrevistas e conversas, mas ao final de cada dia de trabalho era redigido um relatório com os principais pontos dos diálogos e visitas técnicas. Este documento, assim como o registro fotográfico das visitas, era compartilhado com os responsáveis pelo projeto de extensão para acompanhamento das atividades. Ao final do projeto, foi possível elaborar um diagnóstico geral a respeito do grupo, trabalho este que foi apresentado e discutido junto aos produtores da rede.

A princípio, foi sugerido que o projeto de extensão auxiliasse os produtores a avançar na transição agroecológica, focando na substituição da adubação química pela adubação orgânica. Como motivação, podemos citar a consolidação do Organismo Participativo de Avaliação da Conformidade (OPAC) do Sistema Participativo de Garantia Orgânica (SPG) da Zona da Mata Mineira - o SPG “Floriô” -, e a entrada no grupo de novos membros, dentre eles uma produtora orgânica certificada por auditoria. Contudo, ao iniciar o trabalho, ficou claro que havia uma lacuna entre a proposta sugerida pelo corpo técnico-administrativo que acompanhava o grupo e a demanda dos agricultores. Esta questão ficará mais clara ao longo deste trabalho. Por esta razão, optou-se por uma assistência técnica individualizada, pautada no momento vivido por cada família e nas demandas trazidas pelos produtores. Este trabalho foi uma oportunidade para tecer um diagnóstico geral a respeito Rede Sabor e Saúde da Serra, assim como uma ocasião para conhecer melhor o trabalho dos produtores rurais e os desafios relacionados ao avanço das técnicas agroecológicas

Resultados

Em uma primeira reunião, que tinha o objetivo de planejar as atividades do projeto de extensão, o corpo técnico-administrativo que acompanhava o grupo sugeriu uma abordagem de trabalho. Seriam feitas análises de solo em todas as propriedades, e o extensionista indicaria a adubação orgânica adequada conforme cada caso. Esta era uma estratégia para ajudar os 11 produtores do grupo que utilizavam adubação química a avançar na transição agroecológica. No entanto, após a exposição dos resultados e do diagnóstico realizado durante o projeto, é evidente que o problema em questão era muito mais complexo. Em primeiro lugar, porque havia uma resistência por parte dos agricultores a sequer considerar o abandono da adubação química. Qualquer proposta de trabalho que não contasse com o apoio dos agricultores seria inviável. Além disso, era preciso pensar uma proposta de trabalho adequada ao período de seis meses, prazo do projeto em tela.



Em segundo lugar, foi observada uma assimetria técnica entre as soluções agroecológicas e as soluções da agricultura industrial. Esta assimetria dificultava a substituição da adubação química pela adubação orgânica. Por exemplo, as técnicas de adubação orgânica praticadas no seio do grupo eram baseadas em adubação verde, compostagem e biofertilizantes caseiros. Acontece que estas práticas não possuem a precisão – em termos de composição – ou as facilidades necessárias – como produção, aquisição e manejo - para que a transição fosse considerada viável para o contexto de todas as famílias. Neste ponto, é preciso lembrar que a agricultura industrial foi favorecida por décadas de pesquisa e experimentação (ALTIERI e TOLEDO, 2011). Desde o pós-guerra, este modelo gozou da preferência e de parcerias com o estado, a academia e a iniciativa privada. Estes esforços resultaram em um corpo técnico-científico traduzido em rotinas de manejo e insumos, que chegam ao agricultor através da assistência técnica, do crédito rural e das casas agrícolas (ALIMONDA, 2006; CANDIOTTO, 2020).

Do ponto de vista do produtor, a adubação química possui as suas vantagens. Os agricultores apontaram a sua eficiência, praticidade - por exemplo, ela é muito mais leve - o manejo consolidado – é fácil de obter informação e assistência técnica - e a formulação precisa – como 4-14-8 ou 25-20. A adubação química é altamente técnica e objetiva, e através de uma análise de solo um técnico é capaz de prescrever exatamente a quantidade necessária de adubos e corretivos para garantir uma boa produção, adequada a necessidade de cada plantio.

Enquanto isso, os caminhos para que o agricultor adote as soluções agroecológicas não se encontram no mesmo grau de consolidação (NICHOLLS e ALTIERI, 2018). No caso do nosso grupo, para saber a composição exata de um biofertilizante ou composto caseiro, seria preciso uma parceria com uma universidade ou laboratório. Mas ainda que o termo agroecologia tenha sido cunhado no meio científico e ela seja também uma ciência, a agroecologia ainda carece de investimentos em pesquisa (CANDIOTTO, 2020) e em divulgação do conhecimento científico produzido. A lacuna de conhecimento que existe hoje é fruto de décadas de descaso e ostracismo (ALTIERI e TOLEDO, 2011). Apenas com políticas voltadas para a construção e consolidação desse saber agroecológico é que será possível recuperar o atraso (NICHOLLS E ALTIERI, 2018).

Contudo, é preciso ter cuidado com os perigos que a cientificidade e a técnica representam para a agroecologia (ALIMONDA, 2006). Alguns autores chegam a mencionar uma disputa entre dois campos da agroecologia, pois um deles se propõe científico, enquanto o outro busca ser popular (CANDIOTTO, 2020). Sem dúvida, seria importante que a agroecologia conseguisse avançar em termos de eficiência e produtividade, fornecendo soluções ecológicas aos desafios da agricultura (NICHOLLS e ALTIERI, 2018). Contudo, a simples substituição de insumos químicos por biológicos não é agroecologia (ALTIERI, 2009; ALTIERI E TOLEDO, 2011).



A agroecologia é um projeto político, que propõe – para além da produção sustentável de alimentos – a construção de uma sociedade mais justa, através da promoção de outras formas de se relacionar com a terra, com os alimentos e as pessoas (SILVA, 2014; SILVA e MIRANDA, 2015). Sendo assim, ela não deve perder a sua essência popular e se afastar da realidade dos agricultores familiares. Ela deve ser o ponto de encontro entre os conhecimentos tradicionais e científicos (CANDIOTTO, 2020) e, para isso, os técnicos e pesquisadores da agroecologia precisam unir o rigor científico ao rigor político (TEMPER, MACGARRY e WEBER, 2019).

Além disso, um dos pilares mais importantes do pensamento agroecológico consiste na recusa de soluções prontas e generalizadas (ALTIERI e TOLEDO, 2011), pensadas de cima para baixo por técnicos. Afinal, a agroecologia consiste na aplicação de conceitos ecológicos no desenho de sistemas alimentares (GLIESSMANN, 2008). Além de serem pensadas de acordo com o contexto local, as práticas agroecológicas devem ter por base os saberes locais e o conhecimento tradicional dos agricultores familiares (CANDIOTTO, 2020). Portanto, precisamos ter cuidado para que a nossa busca por eficiência e produtividade não nos leve a reproduzir práticas e modelos não agroecológicos (SILVA, 2014). Por exemplo, não devemos criar expectativas em relação ao surgimento de receituários agroecológicos, tal como os que existem para o manejo convencional (ALTIERI e TOLEDO, 2011).

Aliás, a própria produtividade e eficiência da agricultura industrial pode ser questionada. Muitas vezes, ela é só considerada mais eficiente e produtiva porque as comparações levam em consideração o volume produzido por uma única espécie (ALTIERI, 2009) e não de todo o agroecossistema. Da mesma forma, não podemos esquecer que a produtividade destes monocultivos depende de um alto custo econômico, social e ambiental, pois está apoiado no uso intensivo de agroquímicos (SAVCI, 2012; JOHN e BABU 2021). Enquanto isso, a agroecologia não se limita ao fornecimento de nutrientes necessários ao bom desenvolvimento de uma determinada cultura. Ela busca trabalhar o solo integralmente (ALTIERI e TOLEDO, 2011). A produtividade é apenas uma das diversas consequências obtidas por este manejo da terra. Além dela, podemos elencar também o aumento do estoque de carbono no solo, a proteção dos recursos hídricos e a conservação da biodiversidade (NICHOLLS e ALTIERI, 2018).

Em terceiro lugar, observamos uma lacuna entre as formas de pensar e trabalhar dos agricultores mais ou menos avançados na transição agroecológica. A prática dos agricultores que adotavam adubação orgânica era mais intuitiva, baseada na experiência empírica e na sua capacidade de observar as respostas e reações das plantas ao manejo adotado. Por outro lado, os produtores que optavam pela adubação química possuíam uma postura mais produtivista, e suas práticas eram embasadas em laudos técnicos e pareceres de especialistas.

Em conclusão, as observações compartilhadas neste trabalho evidenciam que os desafios encontrados em campo pelos agricultores agroecológicos e pelos



extensionistas ultrapassam o debate técnico. Não se trata simplesmente do avanço das técnicas agroecológicas, ou da mera substituição de insumos (ALTIERI, 2009; ALTIERI e TOLEDO, 2011). Para que a agroecologia seja um projeto viável, é preciso que haja políticas públicas que forneçam consistência e volume ao projeto agroecológico (ALTIERI e TOLEDO 2011, NICHOLLS e ALTIERI, 2018). A própria Revolução Verde exemplifica a viabilidade das revoluções, sempre que há interesse e capital político. Mas não basta que o estado compre a ideia da agroecologia, é preciso fortalecer a agroecologia como movimento social e político. Afinal, não são apenas os agricultores que precisam avançar na transição agroecológica, e sim toda uma sociedade e uma cultura. Portanto, esse é um processo que deve ser construído em coletivo, e as iniciativas como a Rede Sabor e Saúde da Serra fazem parte deste caminho.

Agradecimentos

Agradecemos a todos os produtores e colaboradores que compõem a Rede Sabor e Saúde da Serra. Agradecemos especialmente a Adriana Aparecida Ribeiro, da COOPAF de Muriaé (MG), por todo o trabalho e carinho dedicado à viabilização deste projeto coletivo. Agradecemos também ao Deputado Federal Rogério Corrêa (PT), cujo projeto de fortalecimento do Pólo Agroecológico da Zona da Mata Mineira financiou e possibilitou esta ação de extensão.

Referências bibliográficas

ALIMONDA, Héctor. Una herencia em Manaos (Anotaciones sobre Historia Ambiental, Ecología Política y Agroecología en una perspectiva Latinoamericana). **Horizontes Antropológicos**, n. 25, p. 237-255, 2006.

ALTIERI, Miguel. Agroecología, pequeñas fincas y soberanía alimentaria. **Ecología Política**, n. 38, p. 25-35, 2009.

ALTIERI, Miguel; TOLEDO, Victor M. The Agroecological Revolution in Latin America: rescuing nature, ensuring food sovereignty and empowering peasants. **Journal of Peasants Studies**, v. 38, n. 3, p. 587-612, 2011.

CANDIOTTO, Luciano Z. P. Agroecologia: Conceitos, princípios e sua multidimensionalidade. **AMBIENTES – Revista de Geografia e Ecologia Política**, v. 2, n. 2, p. 25-75, 2020.

GLIESSMAN, Stephen. **Agroecologia: Processos Ecológicos em Agricultura Sustentável**. 1ª Edição. Porto Alegre – RS: Editora da UFRGS, 2008.

JOHN, Daisy; BABU, Giridhara. Lessons from the Aftermaths of Green Revolution on Food System and Health. **Frontiers in Sustainable Food Systems**, v. 5, 2021. DOI: 10.3389/fsufs.2021.644559.



NICHOLLS, Clara; ALTIERI, Miguel. Pathways for the amplification of agroecology. **Agroecology and Sustainable Food Systems**, v. 42, n. 10, p. 1170-1193, 2018.

SAVCI, Serpil. Investigation of Effect of Chemical Fertilizers on Environment. **APCBEE Procedia**, v. 1, p. 287-292, 2012.

SILVA, José S. O dia depois do desenvolvimento: giro filosófico para a construção de uma agricultura familiar agroecológica. **Cadernos de Ciência e Tecnologia**, v. 31, n. 2, p. 401-420, 2014.

SILVA, Lourdes H; MIRANDA, Élide L. Agroecologia e Educação do Campo na Zona da Mata Mineira. **Educação em Perspectiva**, v. 6, n. 2, p. 337-355, 2015.

TEMPER, Leah; MACGARRY, Dylan; WEBER, Lena. From academic to political rigor: insights from the Tarot of transgressive Science. **Ecological Economics**, v. 164, 2019. DOI:10.1016/j.ecolecon.2019.106379